



O DIÁRIO DE ANNE FRANK EM LIBRAS: PRÁTICAS INCLUSIVAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Alessandra Oliveira Arguejos¹

Giulia Passos²

José Carlos de Oliveira³

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência desenvolvida em uma escola pública municipal de Uberlândia, Minas Gerais, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Letras-Libras, em 2025. A proposta foi realizada com uma turma do 8º ano do ensino fundamental e integrou os componentes de Literatura e Língua Brasileira de Sinais no projeto *Anne Frank em Diálogo com o Silêncio*. O trabalho teve como objetivo promover reflexões sobre os direitos humanos a partir da leitura da obra *O Diário de Anne Frank* e da criação de práticas de mediação acessíveis em Libras. As atividades envolveram o ensino de sinais básicos e históricos, o estudo de parâmetros da língua e o uso de classificadores e expressões corporais. As oficinas foram conduzidas por uma graduanda de Letras-Libras, bolsista do PIBID, sob supervisão docente e orientação do coordenador do programa, constituindo um espaço de aprendizagem e formação inicial em contexto escolar. Com base em princípios do letramento literário, aplicou-se a sequência básica de leitura, que orientou as etapas de motivação, leitura e interpretação. Na etapa final, os estudantes produziram vídeos com trechos do diário adaptados em língua de sinais que, posteriormente, se transformaram em uma apresentação teatral, aproximando arte e inclusão. A experiência evidenciou o papel formativo do PIBID na articulação entre universidade e escola, fortalecendo práticas de ensino sensíveis às múltiplas expressões linguísticas e culturais presentes no espaço escolar.

Palavras-chave: PIBID, formação docente, Libras, inclusão, direitos humanos.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um relato de experiência do projeto *Anne Frank em Diálogo com o Silêncio*, desenvolvido em 2025 com uma turma do 8º ano do ensino fundamental⁴ de uma escola pública municipal de Uberlândia, Minas Gerais. A proposta integrou os componentes de Literatura e Libras e teve como culminância, em setembro do mesmo ano, a apresentação de

¹ Doutoranda em Educação, Faculdade de Educação – Universidade Federal de Uberlândia – MG, alessandra.arguejos@ufu.br;

² Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa com Domínio de Libras da Universidade Federal de Uberlândia – MG, giulia.santos@ufu.br;

³ Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia – MG, carlosoliveira@ufu.br.

⁴ A turma participante era composta por 36 estudantes, sendo 35 ouvintes e um estudante surdo, acompanhado por intérprete de Libras.



um teatro em Libras pelos estudantes, durante o evento *Setembro em Cores*⁵, realizado na instituição de ensino.

O projeto foi concebido sob a compreensão de que a escola pode se constituir como um espaço de formação crítica e dialógica, em que o conhecimento se constrói na relação com o outro e com o mundo. Inspirada nos princípios do letramento literário (Cosson, 2009), a proposta buscou promover experiências de leitura e expressão que favorecessem a empatia, o pensamento crítico e o reconhecimento das diferenças.

As atividades foram realizadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Letras-Libras, por meio de oficinas interdisciplinares que articularam leitura, diálogo e práticas teatrais em Libras. Essas ações, organizadas de forma colaborativa entre bolsistas e professora supervisora, procuraram aproximar os estudantes da Língua Brasileira de Sinais e promover vivências em que a escuta e o corpo se tornassem meios de comunicação, interpretação e criação artística. O trabalho ancorou-se em autores que discutem o letramento literário, o ensino de Libras, o teatro em Libras e a formação docente (Bartolomei, 2021, Cosson, 2009; Nóvoa, 1992, Quadros, 2006; Strobel, 2008), evidenciando a articulação entre leitura, linguagem e prática educativa.

A escolha da obra *O Diário de Anne Frank* (Frank, 2020) surgiu da intenção de abordar temas como intolerância, preconceito e resistência, criando relações entre memória histórica e vivência contemporânea. As leituras e a adaptação teatral em Libras favoreceram o envolvimento dos alunos e ampliaram seu repertório expressivo e crítico, permitindo-lhes refletir sobre o valor da liberdade, da dignidade humana e da convivência com a diversidade. Assim, a experiência confirmou que o encontro entre literatura, Libras e teatro pode contribuir para uma educação mais inclusiva e humana.

METODOLOGIA

⁵ O *Setembro em Cores* foi uma iniciativa realizada no contexto escolar, vinculada às ações do PIBID Letras-Libras, com o propósito de fortalecer a integração entre universidade, escola e comunidade. O projeto articulou as ações educativas do Setembro Amarelo e do Setembro Azul, promovendo oficinas, palestras e apresentações artísticas voltadas ao respeito às diferenças e à valorização da diversidade. O evento, de caráter extensionista, foi aprovado e registrado no Sistema de Informação de Extensão da Universidade Federal de Uberlândia (SIEX/UFU).



Antes do início do projeto, foi solicitada às famílias a autorização formal para a participação dos alunos nas atividades propostas, garantindo o consentimento dos responsáveis e a preservação da identidade dos participantes. Todas as ações foram conduzidas em conformidade com as orientações da escola e do programa, assegurando o tratamento ético e responsável das informações registradas.

A pesquisa realizada foi de natureza qualitativa e participante, e a coleta de dados para este relato baseou-se em três instrumentos: observação participante, realizada pela bolsista e pela professora supervisora, registros reflexivos elaborados após cada oficina, contendo percepções sobre engajamento, dificuldades e avanços dos alunos; e um questionário de participação voluntária, aplicado após o teatro, com questões abertas e de escala, voltado à compreensão das impressões dos estudantes sobre o aprendizado da Libras, o trabalho em grupo e suas percepções sobre inclusão e diversidade.

Os dados foram organizados e analisados sob uma abordagem qualitativa e descritiva, buscando compreender de que modo a literatura e a Libras podem se articular como práticas de pluralidade e expressão, favorecendo aprendizagens que contribuem para a formação linguística, cultural e humana dos estudantes.

As oficinas introdutórias de Libras foram ministradas quinzenalmente, a partir dos meses de fevereiro a abril, pela bolsista do PIBID, sob supervisão docente. Essas aulas buscaram: apresentar a Libras como língua visual-espacial, aproximar os alunos da e favorecer vivências que valorizassem a diversidade linguística. Entre os conteúdos trabalhados, destacaram-se a história da educação de surdos (Strobel, 2009), o alfabeto manual, os sinais básicos do cotidiano, as cores, os números, a estrutura dos parâmetros da Libras e o batismo do sinal.

Esses primeiros encontros tiveram caráter exploratório, voltado à sensibilização para o uso da língua e à familiarização com seus elementos expressivos. Foi exibido o vídeo “História da Educação dos Surdos em Libras – A Dor do Silêncio” (Lucelia LIBRAS, 2019), seguido de debate e demonstração detalhada do alfabeto manual e de sinais básicos. Os estudantes se apresentaram em Libras, informando nome, idade e cor favorita, o que possibilitou observar o primeiro contato com a língua e com os conteúdos. Embora a timidez tenha marcado o início, a participação tornou-se gradualmente mais espontânea ao longo das semanas.



Em seguida, as oficinas avançaram para o estudo dos parâmetros linguísticos descritos por Quadros e Karnopp (2004), envolvendo configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma e expressões faciais e corporais.

A metodologia adotada foi predominantemente prática, com uso de vídeos, projeções e dinâmicas em grupo. Jogos como o “Mimicando”, exercícios de soletração e atividades de autodescrição foram utilizados com o intuito de aguçar a percepção visual e a expressividade corporal. Com o tempo, o vocabulário foi sendo ampliado para temas como família, características físicas, comidas e lugares, e os estudantes passaram a construir pequenas apresentações em duplas.

No decorrer das oficinas, ficou evidente a importância de adotar estratégias mais contextualizadas e interativas para manter o engajamento, o que motivou o aperfeiçoamento do planejamento das próximas etapas.

As oficinas ganharam nova dimensão ao integrarem Libras, literatura e história, por meio da leitura de *O Diário de Anne Frank*. O ensino de sinais passou a incluir vocabulário referente à Segunda Guerra Mundial, ao nazismo e à própria Anne Frank, permitindo conexões entre linguagem, memória e empatia. O conceito de classificadores foi trabalhado com apoio de vídeos explicativos (DIEE SME, 2024; Kozub, 2018; 2019; Rezende, 2019) e atividades práticas em que os alunos representavam palavras e ações apenas com classificadores. O exercício despertou interesse e a criatividade, favorecendo um uso mais fluido da língua.

As aulas seguintes abordaram o conceito de incorporação em Libras (Anchieta, 2017), explorando o uso do corpo e das expressões para representar personagens, objetos e situações. Foram exibidos vídeos produzidos pela UFRJ (2018a, 2018b, 2018c), que serviram de referência para dinâmicas coletivas nas quais cada aluno representava diferentes cenários sem o uso da fala ou da escrita. Essa fase indicou um avanço na compreensão da língua, com maior domínio de classificadores, incorporação e uso do espaço de sinalização.

Entre maio e julho, o projeto se desenvolveu com base na sequência básica de leitura proposta por Cosson (2006). O momento de motivação ocorreu por meio da exibição de vídeos sobre crianças e adolescentes em contextos de guerras atuais, como na Síria, Ucrânia e Palestina, visando promover reflexões sobre empatia e direitos humanos. A leitura



compartilhada da obra foi acompanhada de atividades de interpretação e debates sobre intolerância e resistência. A etapa interpretativa foi a produção de vídeos em Libras, em que os

estudantes se organizaram em grupos e sinalizaram trechos inspirados na obra, demonstrando compreensão do texto e criatividade na expressão.

No terceiro bimestre, entre agosto e setembro, teve início a etapa de adaptação teatral em Libras. Os estudantes escolheram coletivamente os trechos do diário que consideraram mais significativos da obra para a encenação. A definição dos personagens também partiu das decisões do próprio grupo, o que contribuiu para o engajamento e o sentimento de pertencimento ao projeto. A peça contou com representações de Anne Frank, Margot, Otto, Edith, Peter, o Sr. Dussel, o Sr. e a Sra. Van Daan, que atuaram em Libras e dois narradores que ficaram responsáveis pela contextualização da história em português oral.

Os alunos que não participaram diretamente da atuação colaboraram na elaboração dos roteiros, na confecção de adereços e na organização do espaço de apresentação. Os ensaios foram realizados dentro e fora do horário regular de aula, com o apoio de vídeos gravados pela bolsista, que foram disponibilizados para os alunos e auxiliaram na memorização e no aperfeiçoamento das expressões faciais e corporais. O envolvimento coletivo favoreceu a autonomia, o comprometimento e a integração entre linguagem, corpo e arte.

A etapa final foi a apresentação teatral durante o evento *Setembro em Cores*. O espetáculo encenado para a comunidade escolar simbolizou o encerramento do percurso formativo e expressou, em gestos e movimentos, o aprendizado construído ao longo do processo. A apresentação foi planejada para um público composto por surdos e ouvintes, articulando Libras e português oral em uma mesma experiência estética e comunicativa.

REFERENCIAL TEÓRICO

O ensino da literatura na escola vai muito além do exercício de interpretação textual: trata-se de um campo de formação sensível, ética e estética. A leitura literária tem o potencial de desenvolver a empatia, o pensamento crítico e o reconhecimento de si e do outro. Entretanto, despertar o prazer pela leitura entre adolescentes ainda é um desafio,





especialmente se a literatura for apresentada de modo fragmentado e distante da experiência do leitor.

Nesse sentido, Cosson (2006) propõe a sequência básica de leitura como uma metodologia que aproxima os estudantes do texto literário de forma contextualizada, por meio de quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Essa proposta favorece o

envolvimento progressivo do leitor e cria condições para que a obra ganhe sentido na experiência concreta da sala de aula. Autores como Colomer (2007) e Pennac (1993) reforçam que é o professor quem cria o espaço de diálogo entre texto e leitor, possibilitando que a leitura se torne uma prática viva e prazerosa. A literatura, quando mediada dessa forma, pode se tornar um instrumento de humanização, contribuindo para a formação de leitores mais conscientes e críticos.

Do mesmo modo que a literatura exige mediação para despertar interesse e reflexão, o ensino de Libras também requer uma abordagem contextualizada e expressiva. Observa-se que, muitas vezes, ele se restringe ao ensino de vocabulário e diálogos simples, negligenciando aspectos gramaticais essenciais, como parâmetros, classificadores, incorporação e expressões faciais, fundamentais para a compreensão e expressividade da língua (Bernardino, 2012; Quadros e Karnopp, 2004).

Quadros e Karnopp (2004) destacam que a gramática da Libras possui estruturas próprias, incluindo organização espacial, morfossintaxe e elementos não manuais, que não podem ser reduzidos a traduções do português. Por isso, o ensino de Libras, mesmo para alunos ouvintes, deve respeitar sua complexidade linguística e explorar esses recursos de forma contextualizada, favorecendo uma aprendizagem mais significativa e autêntica.

Quando o ensino é estruturado dessa forma, a Libras deixa de ser percebida apenas como um conjunto de sinais e passa a ser vivenciada como uma língua completa, dotada de expressividade e cultura. Nesse contexto, práticas pedagógicas como o teatro, os jogos e os vídeos em Libras são recursos potentes para o ensino e a sensibilização. Bernardino (2012) e Anchieta (2017) enfatizam que atividades que envolvem o corpo, o espaço e a emoção ampliam a compreensão da língua de sinais e favorecem o desenvolvimento da expressividade. O teatro em Libras, em especial, constitui-se como um espaço de aprendizagem significativa tanto para estudantes surdos quanto ouvintes. Traduzir e representar textos literários em Libras configura-se como um ato de criação que mobiliza



aspectos culturais e comunicativos e promove a valorização da língua como expressão artística.

A etapa teatral do projeto possibilitou aos estudantes vivenciarem a Libras como linguagem artística e não apenas como meio de tradução. A encenação foi concebida integralmente em Libras, com base nos recursos expressivos da língua, como classificadores, movimentos, expressões faciais e corporais, que transformaram o texto escrito em experiência

visual e poética. Bartolomei (2021) discute o teatro em Libras como uma forma singular de arte, na qual o corpo que sinaliza se torna o principal elemento de criação e significação cênica. Ao deslocar o foco da palavra para o gesto, a atuação em Libras amplia as possibilidades de leitura, emoção e presença no espaço teatral, promovendo uma experiência inclusiva que valoriza a diferença linguística como potência criadora.

Além disso, o uso de práticas pedagógicas inclusivas possui um valor formativo importante para os futuros professores. A atuação dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) insere-se nesse movimento de formação pela experiência. Tardif (2002) e Nóvoa (1992) defendem que o saber docente se constrói no diálogo entre teoria e prática, e que a formação inicial precisa possibilitar vivências reais de ensino, reflexão e colaboração. As atividades foram planejadas e acompanhadas pela professora supervisora, com acompanhamento do coordenador do subprojeto, configurando um espaço de aprendizagem situada, no qual o licenciando desenvolve sensibilidade pedagógica, autonomia e capacidade crítica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O projeto *Anne Frank em Diálogo com o Silêncio* possibilitou observar avanços significativos na participação e na aprendizagem dos estudantes ao longo das etapas. Nos registros iniciais, a turma se mostrava inibida diante de uma língua até então desconhecida pela maioria. A presença do aluno surdo e do intérprete foi decisiva, pois ambos contribuíram com demonstrações, correções e mediações que favoreceram a aproximação da turma com a Libras. Essa convivência cotidiana criou um ambiente colaborativo e respeitoso, fortalecendo o vínculo e despertando nos alunos o interesse em aprender uma nova forma de se comunicar.





À medida que as oficinas avançavam, as metodologias dinâmicas e colaborativas passaram a incentivar o envolvimento e a expressividade dos estudantes. O contato com vídeos, jogos e atividades corporais favoreceu a compreensão da Libras como uma língua visual e culturalmente situada. O grupo foi se apropriando, de modo gradual, dos parâmetros, classificadores e expressões faciais, demonstrando domínio crescente da estrutura visual-espacial da língua. Essa mudança foi acompanhada pelo aumento da independência e da confiança, à medida que os alunos se sentiam mais à vontade para experimentar, criar e dialogar.

A leitura de *O Diário de Anne Frank*, integrada ao ensino da Libras, constituiu um momento de forte mobilização emocional e cognitiva. Ao discutir temas como intolerância, medo e resistência, os estudantes puderam refletir sobre situações históricas e sociais que ainda encontram ressonância no presente. A abordagem interdisciplinar, ao articular literatura, história e língua de sinais, potencializou o sentido formativo da leitura, em sintonia com a proposta de letramento literário de Cosson (2006), que comprehende o ato de ler como uma experiência de construção de sentidos e de encontro com o outro.

As produções em vídeo realizadas após a leitura evidenciaram avanços na fluência e na expressividade dos estudantes. As narrativas sinalizadas revelaram interpretações criativas, nas quais corpo e emoção se tornaram parte integrante da leitura. O aprendizado passou a assumir caráter autoral, com gestos mais precisos e intencionais. O teatro em Libras, apresentado no evento *Setembro em Cores*, consolidou esse processo ao transformar o texto escrito em experiência visual e poética. A encenação foi marcada pelo envolvimento dos participantes, revelando o amadurecimento do grupo e a potência do gesto como linguagem.

As respostas ao questionário aplicado após a culminância do projeto reforçaram essas observações. A maioria dos estudantes avaliou a experiência de forma positiva, destacando o prazer em aprender e a sensação de pertencimento ao grupo. Os relatos indicaram que o aprendizado se tornou mais significativo por envolver o corpo, a emoção e o diálogo.

Para a bolsista do PIBID, o projeto representou um espaço de formação docente em que teoria, metodologia e prática se articularam nas vivências concretas da escola. O acompanhamento das oficinas, os planejamentos compartilhados e o contato com a turma possibilitaram o desenvolvimento de sensibilidade pedagógica e reflexão crítica sobre o papel do professor como mediador de experiências. Essa dimensão formativa dialoga com as ideias



de Tardif (2002) e Nóvoa (1992), que compreendem o saber docente como resultado da interação entre conhecimento, prática e convivência.

IX Seminário Nacional do PIBID

De modo geral, os resultados sugerem que o projeto contribuiu para ampliar o repertório linguístico e cultural dos estudantes e para fortalecer o compromisso da comunidade escolar com a inclusão e o respeito às diferenças. A articulação entre Libras, literatura e teatro permitiu a construção de um espaço de aprendizagem criativo, cooperativo, que se realiza no encontro entre sujeitos que aprendem coletivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto *Anne Frank em Diálogo com o Silêncio* possibilitou reafirmar a importância de experiências pedagógicas que articulam literatura, arte e Libras como caminhos para uma educação participativa. A proposta mostrou que práticas interdisciplinares, ao promoverem o encontro entre diferentes linguagens e sujeitos, podem ampliar a compreensão da diversidade e favorecer a construção de aprendizagens pautadas no respeito e na cooperação.

A atuação da bolsista e o acompanhamento docente evidenciaram que o PIBID se constitui como um espaço fecundo de formação inicial, no qual a teoria se concretiza nas práticas escolares e se transforma em conhecimento compartilhado. Essa vivência colaborativa contribui não apenas para o desenvolvimento profissional dos licenciandos, mas também para o fortalecimento da escola pública como território de criação, reflexão e inovação pedagógica.

A experiência desenvolvida demonstra projetos dessa natureza podem inspirar outras práticas que integrem leitura, corpo e expressão, promovendo uma educação comprometida com a inclusão e com a formação crítica e sensível dos sujeitos.





REFERÊNCIAS

ANCHIETA, Ester Vitória Basílio. **Incorporação e participação do corpo:** o espaço sub-rogado no discurso narrativo de uma tradução de literatura infantil do português para a Libras. 2017. 192 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/184257>. Acesso em: 18 out. 2025.

BARTOLOMEI, Nayara Piovesan Ribeiro. **O corpo que sinaliza na cena:** a atuação teatral em Libras e suas poéticas visuais. 2021. 234 f. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. **O uso de classificadores na língua de sinais brasileira.** ReVEL, Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 10, n. 19, 2012.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros:** a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

DIEE SME. EF08LS44.3 – **O diário de Anne Frank | Eixo 4: Arte e literatura surda.** YouTube, 12 mar. 2024. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=0AIuSnGDVjI>. Acesso em: 15 jul. 2025.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank.** Tradução de Alves Calado. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KOZUB, Edyta. **TIR – VV (Visual Vernacular).** YouTube, 23 fev. 2018. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ll8hWJkNZO4>. Acesso em: 15 jul. 2025.

KOZUB, Edyta. **Polski Orzeł – VV (Visual Vernacular).** YouTube, 11 nov. 2019. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=TpznGFLf9_k. Acesso em: 15 jul. 2025.



LETRAS-LIBRAS UFRJ. **Piada em Libras 01 – O lenhador e a árvore surda.** YouTube, 30 ago. 2018a. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=wiyQr6Fb2pg>. Acesso em: 15 jul. 2025.

LETRAS-LIBRAS UFRJ. **Piada em Libras 02 – A tourada.** YouTube, 30 ago. 2018b. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=-QExpdtXd-w>. Acesso em: 15 jul. 2025.

LETRAS-LIBRAS UFRJ. **Piada em Libras 07 – O soldado surdo.** YouTube, 11 set. 2018c. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=4G7C3HfXli4>. Acesso em: 15 jul. 2025.

LUCELIA LIBRAS. **História da educação dos surdos em Libras – Poesia “A dor do silêncio”.** YouTube, 19 out. 2019. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=fOVBoN_3ILA. Acesso em: 15 jul. 2025.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PENNAC, Daniel. **Como um romance.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

REZENDE, Renata. **O gato e a mosca – Visual Vernacular.** YouTube, 25 set. 2019. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=UCIEc_JGxWg. Acesso em: 15 jul. 2025.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos.** Florianópolis: UFSC, 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2012.

WORDWALL. **Jogo interativo no Wordwall.** Disponível em: <https://wordwall.net/play/91287/415/275>. Acesso em: 15 jul. 2025.